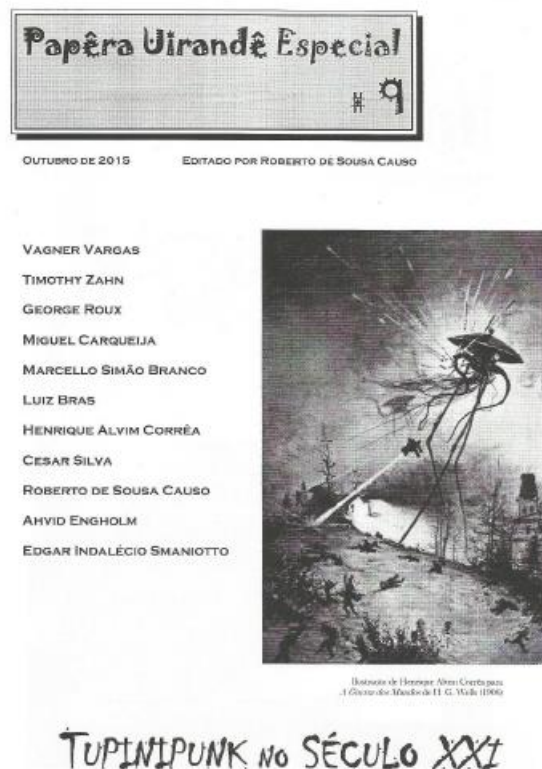




## O Estado da Arte: Ficção Científica Tupinipunk<sup>1</sup>

por Roberto de Sousa Causo



**Figura 1:** Capa do fanzine crítico *Papêra Uirandê Especial #9: Tupinipunk no Século XXI* (2015).

Inicialmente o Tupinipunk (*cyberpunk* tupiniquim) foi um fenômeno característico das décadas de 1980 e 90<sup>2</sup>. Basta conferir a parte inicial do *corpus* existente: *Silicone XXI* (1985), romance de Alfredo Sirkis; contos de Braulio Tavares como "Stuntmind" e "Jogo Rápido" (1989); novelas como *Santa Clara Poltergeist* (1991), de Fausto Fawcett, e *Piritas Siderais: Romance*

<sup>1</sup> Original em *Papêra Uirandê Especial # 9: Tupinipunk no Século XXI*. São Paulo: edição do autor, 2015.

<sup>2</sup> O conceito foi lançado no meu artigo "Tupinipunk – Cyberpunk Brasileiro" no *Papêra Uirandê Especial #1: Tupinipunk*, em 1996 (nota do autor).

---

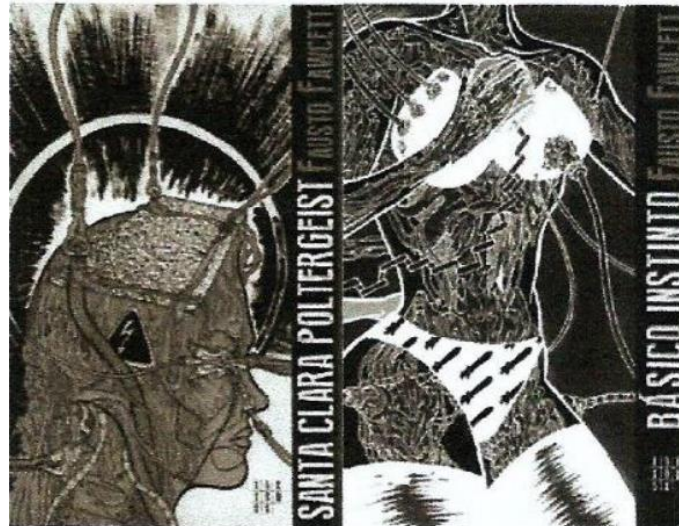
*Cyberbarroco* (1994), de Guilherme Kujawski; os contos e noveletas de Fawcett no seu segundo livro, *Básico Instinto* (1992); e os contos "Ananda, o Homem que Purpurava" e "O Caipira Caipora" (1993), de Ivan Carlos Regina - além do seu importante "Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira" (1988). E finalmente, "O Altar dos nossos Corações" (1993), excepcional noveleta de Ivanir Calado.

É de causar certa surpresa, dado o relativo anonimato dessa forma literária descaradamente brasileira - que não é rótulo comercial e é rejeitada por vários setores do fandom -, passe por um ressurgimento neste começo de século XXI. Inspirada no Modernismo e no Tropicalismo, repleta de referências antropofágicas e de jocosidade e iconoclastia marcadamente brasileiras, tem apresentado histórias curtas que vem pipocando aqui e ali, como a elogiada noveleta "Questão de Sobrevivência" (2005), de Carlos Orsi, recentemente analisada pela brasilianista M. Elizabeth "Libby" Ginway (que muito tem feito para difundir o conceito)<sup>3</sup>, além de "Instinto Materno", de Pedro Vieira - o único conto tupinipunk contrabandeado para dentro da pioneiríssima antologia *Cyberpunk: Histórias de um Futuro Extraordinário* (Tarja Editorial; 2010); e a notável noveleta "A Lua É uma Flor sem Pétalas" (2012), de Cirilo S. Lemos. Eu mesmo investi em histórias como "Vale-Tudo" (2010) e "Para Viver na Barriga do Monstro" (2012), que tentam seguir a trilha aberta por Sirkis, Braulio e Ivanir - com textos que, para além da linguagem "cubista" do nosso Modernismo e de um espírito satírico que marca o tupinipunk de Fawcett, Kujawski e Regina, tentam abordar questões sócio políticas e tecnológicas.

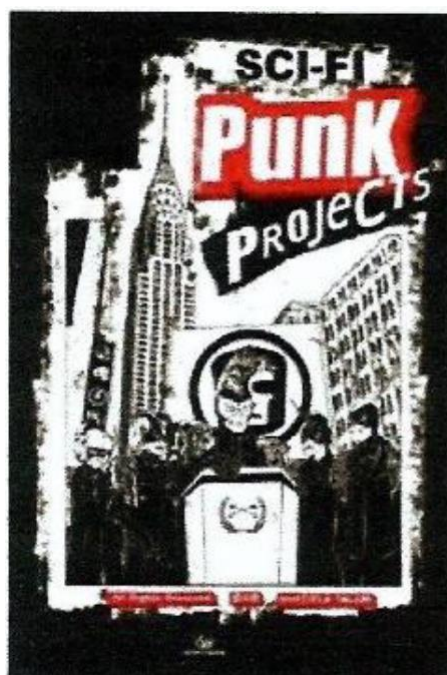
O próprio Fausto Fawcett pelo jeito nunca abandonou o subgênero - como sugere o seu conto "Visita Veneno", de 2005. Ele também publicou em 2012 um novo romance tupinipunk. *Favelost (The Book)*, mencionado e resenhado na imprensa cultural. E Fawcett, o praticante de tupinipunk mais fiel ao subgênero, retoma em 2014 com novas edições de *Santa Clara Poltergeist* e *Básico Instinto* (com novas histórias), pela editora curitibana Encrenca - Literatura de Invenção, com ilustrações de Theo Szczepanski e projeto gráfico de Fred Marés Tizzot.

---

<sup>3</sup> Veja o livro de Ginway, *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (Devir; 2005, nota do autor).



Outra novidade foram obras fora da página literária, como o filme animado *Uma História de Amor e Fúria* (2013), dirigido por Luiz Bolognesi e ganhador de cinco prêmios internacionais em festivais de cinema; e o livro de quadrinhos do estilista Martielo Toledo, *Sci-Fi Punk Projects* (Devir; 2013). Sem falar do interesse pelo conceito despertado junto aos pesquisadores universitários: além de Ginway, Suzane Lima Costa, da Universidade da Bahia, trabalhou com o tupinipunk, assim como Ed King, de Cambridge, no livro *Science Fiction and Digital Technologies In Argentine and Brazilian Cultures* (Palgrave; 2013). Recentemente, os mestrandos Charles Dall'Agnol e Eduardo Cabeda o discutiram em evento da PUC do Rio Grande do Sul em 15 de agosto de 2014.



E agora, além das novidades "recentes" (surgidas a partir de 2010), o importante pseudônimo/heterônimo de Nelson de Oliveira, "Luiz Bras", apresentou em 2014 uma "guindada para o tupinipunk" com alguns dos minicontos de *Pequena Coleção de Grandes Horrores* (2013) e no romance rapsódico *Distrito Federal* (2014).

Nesta seção especial, leia uma entrevista com Luiz Bras, dois de seus minicontos tupinipunks ( do livro *Pequena Coleção de Grandes Horrores*).

### Entrevista com Luiz Bras<sup>4</sup> sobre seus trabalhos tupinipunks

*O que o levou a buscar uma exploração ficcional e visual do tupinipunk, com Distrito Federal?*

**LUIZ BRAS:** Foi o desejo de trazer pra minha literatura a demonologia brasuca: o curupira, o saci, o boitatá e outras criaturas fascinantes. Fazia tempo que eu queria escrever sobre os demônios de nossa cultura popular, mas num contexto urbano e adulto. Reunir folclore, mitologia indígena e africana, xamanismo e candomblé, realidade virtual e possessão demoníaca, biotecnologia e revolução pós-humana foi um desafio maravilhoso. Descobri novas possibilidades ficcionais e existenciais. Desconfio que a literatura sempre foi, pra mim, um exercício de autoconhecimento. Por isso meus livros são tão diferentes uns dos outros. *Paraíso Líquido* e *Máquina Macunaíma* assemelham-se, mas são muito distintos de *Sozinho no Deserto Extremo* (2012) e *Pequena Coleção de Grandes Horrores* (2013). Mudam a forma e o gênero. *Distrito Federal*, por sua vez, apesar de ser uma ampliação da poética fragmentária e maldita da *Pequena Coleção*, concentra-se em questões mais filosóficas. O humor e o *nonsense* ainda estão presentes, mas num grau mais moderado. *Distrito Federal* acompanha a convergência homem-máquina e a extinção da raça humana. A narrativa é e não é um romance, é e não é uma rapsódia. E as gravuras de Teo Adorno, cheias de seres estilizados e eviscerados, são uma espécie de pintura rupestre da era digital.

*Em alguns dos minicontos de Pequena Coleção de Grandes Horrores já se percebia essa inclinação. Os dois projetos foram desenvolvidos ao mesmo tempo?*

**LUIZ BRAS:** É verdade. *Distrito Federal* dialoga com uma parte dos minicontos da *Pequena*

---

<sup>4</sup> Luiz Bras é autor de *Paraíso Líquido* (2010), e *Sozinho no Deserto Extremo*. Mais recentemente, publicou o satírico *Citizen Who: Peripécias do Famigerado Escritor Que Não Tem Boas Ideias* (2015). É o titular da coluna "Ruído Branro" no *Rascunho: O Jornal de Literatura do Brasil*. Vive em São Paulo (nota do autor).

*Coleção*. Os dois projetos foram desenvolvidos ao mesmo tempo. A intertextualidade aproxima os dois livros. Há também o folclore tupiniquim e a antropofagia... Certas passagens da *Pequena Coleção* ecoam no *Distrito Federal*. E a protagonista do conto *Distrito Federal*, incluído na *Máquina Macunaíma*, reaparece na rapsódia. Gosto dessa reverberação entre livros. Ela realça o parentesco latente.

*Por que a escolha do formato rapsódia, para Distrito Federal?*

**LUIZ BRAS:** A sugestão veio da releitura de *Macunaíma*, obra máxima de Mário de Andrade. Enquanto um romance pede uma estrutura rígida, coerente com o encadeamento dos fatos, a rapsódia é mais livre, permitindo a justaposição de capítulos soltos, de estilos diferentes. A prosa vira poema, que vira prosa; parágrafos viram versos, que voltam a ser parágrafos. O discurso indireto livre impera. O foco narrativo é mais ambíguo. Em *Distrito Federal* há uma quantidade grande de personagens secundários: pessoas, deuses, demônios e máquinas. E essa avalanche de coadjuvantes quase chega a encobrir a jornada tortuosa dos poucos protagonistas.

*Quais são as influências do tupinipunk nesse livro? Senti algo de Ivan Carlos Regina nesse livro...*

**LUIZ BRAS:** O célebre "Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira" teve uma participação importante, mais inconsciente do que consciente, na matriz ideológica de minha rapsódia. Mas creio que a maior influência foi a obra de Fausto Fawcett, ficcionista que admiro incondicionalmente. Apesar de pouco visível na superfície do texto, também vejo, nas profundezas, na liberdade narrativa, a presença forte do Mário de Andrade do *Macunaíma*. E do Oswald de Andrade do *Manifesto antropófago*, que por sua vez influenciou o *Manifesto* do Ivan. Mas posso estar enganado. O autor raramente é um leitor privilegiado do que escreve. É comum a autoilusão. Na história da literatura, foram poucas as vezes em que a intenção de um autor se realizou plenamente, sem desvios ou derraçadas, numa obra literária.

*Distrito Federal e alguns dos contos tupinipunks em Pequena Coleção de Grandes Horrores parecem sugerir que Luiz Bras está em uma fase "pós-mensalão do PT" de grande desilusão e indignação com os rumos do país. Como o atual contexto te motiva?*

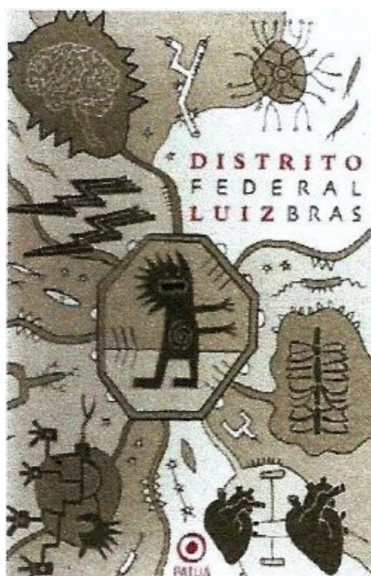
**LUIZ BRAS:** Os principais casos recentes de corrupção na política brasileira são citados



na rapsódia. Meu herói demoníaco é um *serial killer* que ataca apenas políticos e empresários corruptos, em Brasília. Pena que o livro já estava na gráfica quando veio à luz o escândalo da Petrobras. Meu curupira homicida teria adorado pôr as mãos em vários protagonistas desse caso tão abjeto, de proporções impensáveis. São monstruosas a ambição e a ganância dessa gente.

*O tupinipunk está no cerne de algumas disputas de política literária em setores do fandom. Você tem uma posição?*

**LUIZ BRAS:** Diferente de Oswald de Andrade, eu perco a piada — e a discussão — pra não perder o amigo. Minha natureza é avessa a disputas e polêmicas. Nunca fiz questão de impor minhas ideias, isso sempre fez de mim um alvo fácil para os militantes mais radicais. As teorias são interessantes, mas prefiro ler as obras, livre de qualquer influência classificadora. Prefiro não ser assimilado, escolho não pertencer inteiramente a qualquer grupo ou elite. Assim minhas opções de leitura não ficam restritas. Posso experimentar o cardápio inteiro. Fiquei emocionado, certa vez, ao encontrar uma referência ao *Finnegans Wake* num romance de Philip K. Dick, intitulado *A Invasão Divina*. Eu amo *Finnegans Wake*; que no Brasil virou *Finnicius revém*, nas mãos do tradutor Donaldo Schüler. E ao descobrir que Dick também amava, senti uma felicidade imensa. Mas também amo obras muito diferentes, romances de fantasia e ficção científica, que, por preconceito, sempre estiveram fora do horizonte de possibilidades da maioria dos cursos de Letras. Entre isso ou aquilo, prefiro ficar com isso e aquilo.



*Luiz Bras/Nelson de Oliveira tem contribuído substancialmente para o estreitamento das relações entre*

*ficção científica e o mainstream literário brasileiro. Como você avalia tal situação neste ponto?*

**LUIZ BRAS:** Os dois volumes da coletânea *Hiperconexões: Realidade Expandida*, de poemas sobre o pós-humano, surgiram exatamente pra isso: estreitar a FC e o *mainstream*, aproximar a FC da poesia. Mas Einstein estava certo: é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito. Eu gostaria de ser mais otimista. Gostaria de enxergar um cenário mais equilibrado. Porém ainda vejo a ficção científica tupiniquim muito longe de vencer os dois desafios que o momento lhe impõe. Número um: conquistar a crítica especializada, de viés acadêmico. Número dois: conquistar mais leitores brasileiros. São poucos os cursos de Letras que respeitam e estudam a FC brasileira. São poucos os leitores brasileiros que apreciam e incentivam os autores brasileiros. Por enquanto.

### **Cabeças Trocadas**

NO FUNDO DO MATO-VIRGEM nasceu Macunaíma, herói de nossa gente - Era preto retinto e filho do medo da noite — Araras, papagaios e curicas fizeram algazarra — Viraram gente: cunhantãs — O recém-nascido chorou, expulsando do céu a lua. chamando o sol — As cunhantãs prepararam chicha - Macunaíma bebeu até cair bêbado — As cunhantãs também trouxeram milho torrado quentinho na cestinha de tucumã — Toda a maloca comemorou — Macunaíma, já crescido, agradeceu, irradiando pequenos arco-íris — Só o velho pajé não estava feliz — Ele era irmão dos tamanduás e tinha inveja de Macunaíma — No verão, toda a maloca entrava no mato, à noite, pra pegar saúva pra comer — Uma noite o pajé segurou Macunaíma e cortou seu braço esquerdo, saiu correndo com o braço do herói — Macunaíma riu e fez aparecer um braço novo, biônico, mais forte e mais rápido do que o braço original — As cunhantãs gostaram do novo braço, ficaram assanhadas, com vontade de brincar — Macunaíma brincou durante horas, em muitas redes — Outra noite o pajé roubou a perna esquerda do herói — Macunaíma riu e fez aparecer uma perna nova, biônica, mais forte e mais rápida do que a perna original — As cunhantãs gostaram da nova perna. ficaram assanhadas, com vontade de brincar — Macunaíma brincou durante horas, em muitas redes — O pajé conseguiu roubar quase todas as partes do herói, menos a cabeça — O pajé estava construindo um escravo com as partes de Macunaíma — Faltava só a cabeça — Então o pajé desmontou seu laptop e seu celular e construiu uma cabeça artificial — Macunaíma vinha distraído, mastigando uma folha de macaxeira, quando deu de cara com o escravo do pajé — Macunaíma era inteiro máquina com cabeça de gente, o escravo do pajé era inteiro gente com

cabeça de máquina — Os dois trocaram as cabeças e tudo ficou bem — Toda a maloca comemorou — Menos o pajé, que ficou furioso com a troca — Uma noite o pajé segurou novamente Macunaíma e cortou mais uma vez seu braço esquerdo — A confusão se repetiu — O pajé cortava, Macunaíma ria e fazia aparecer, o pajé cortava, Macunaíma ria e fazia aparecer — Foram tantas idas e vindas que em pouco tempo não havia mais espaço - Milhares de escravos-máquinas habitavam a maloca.

## The Walking Dead

VOCÊ PRECISARÁ DE MUITA coragem pra fazer o que pretende fazer, ela diz.

Bebo uma superdose de uísque. Ela mordisca o lóbulo de minha orelha. Eu recebo o baseado de sua mão pequena e morena e dou uma boa tragada. Então toda a coragem de que precisarei me invade com os fios de fumaça.

Ela começa a chorar, me abraça, pede que eu não cometa mais essa loucura. Eu choro com ela.

Preciso ir, eu digo.

Visto cuidadosamente o traje de metamaterial. Fico invisível e muito mais leve.

(Tudo isso seria ridículo se fosse apenas literatura. Acreditem em mim, aconteceu de verdade.)

Guiada apenas pelo instinto de sobrevivência, entro no plenário e identifico, entre os monstros da corrupção ativa e passiva, o homem de meus sonhos. O único deputado íntegro e honrado é também o sujeito mais solitário do edifício.

O congresso nacional inteiro foi tomado pelos zumbis. Patas pegajosas e línguas fedorentas adulteram licitações, contaminam-se mutuamente. Os congressistas estão tão mortos que mal sabem que estão mortos. Sua saliva é vinagre, sua pele é mofo. A partir do distrito federal, a podridão já começa a corroer todo o reino de Pindorama.

Seguro a mão do único deputado íntegro e honrado. Com paciência e devoção eu o conduzo pra longe do pandemônio. Uma tribo de tupinambás cercou o congresso nacional. Cantam alto. Batucam com vontade. Mas não tenho certeza se conseguirão abafar a ziquizira zumbi com seu ritual ancestral.

O único deputado íntegro e honrado agora parece em transe. O batuque está afetando sua percepção de um jeito sombrio. Ele ainda não consegue me enxergar, mas suas mãos apalpm o



vazio até encontrarem meus ombros. Ele diz, você precisa sair daqui. Eu respondo, não sem você. Ele aperta meus ossos, você precisa sair daqui AGORA.

Sobre o distrito federal reúnem-se nuvens obstinadas e vingativas.

Nuvens sólidas feito montanhas de ferro.

Nuvens-orixás.

Começa a avalanche de violência. Xangô e Oxum e Oxumarê e Oxóssi e os outros deslizam pra baixo e cobrem os zumbis de porrada. Mas eu sei que nem mesmo esses justiceiros conseguirão deter a necrose que já começa a escurecer todo o reino de Pindorama. O único deputado íntegro e honrado, ainda em transe, aperta meus ombros e grita, vai embora, some daqui, desaparece.

(Acreditem em mim, aconteceu de verdade. JURO. Tudo isso seria MUITO ridículo se fosse apenas literatura.)

Fazendo uso de suas habilidades de xamã, o único deputado íntegro e honrado abre um portal atrás de mim. Odeio essas trapaças improvisadas. Metade da esplanada dos ministérios afunda, em chamas. Eu sou sugada pelo portal, que me arremessa pra fora do jogo.

Acordar com meu quarto de pensão, banhada em suor, é a pior coisa que podia me acontecer. Pior até do que a morte cerebral. Tento voltar ao jogo mas a conexão fraqueja e falha. Maldito deputado íntegro e honrado. Minha prótese neural queimou. Fui exilada definitivamente.

Duas semanas depois a cidade continua quieta. O vento reúne e leva pra longe, em redemoinhos, a fedentina das casas e dos apartamentos. A população morreu jogando, combatendo os zumbis, só eu sobrevivi. Dois meses mais tarde o país continua em silêncio. Se ainda existe vida inteligente além de mim, ela está longe, muito longe, noutra realidade.

Dois anos depois o mundo continua quieto. Tudo me assombra, vejo espíritos nas janelas, embaixo de viadutos. Apenas miragens. Ainda há energia elétrica, mas em poucos lugares. A comida industrializada sadia também está acabando. Em breve terei que cultivar uma horta, criar umas galinhas, uma vaca. Caminho pelas avenidas tomadas pelo mato. Alguém segue meus passos. Quem está aí? Apareça! E apenas a solidão e o eco criando novos mitos.

Após a queda de um raio, numa esquina mal iluminada eu finalmente me encontro comigo mesma. Pareço mais velha, menos ingênua. Conversamos.

As noites estão cada vez mais longas e frias, ela diz.

De quem você sente mais saudade, eu pergunto.

---

Essa palavra não faz sentido algum neste lugar, ela responde.

Espero nunca precisar de um médico, eu comento.

Se você ainda pensa no ciberespaço, em voltar pra lá, esqueça, não existe mais, ela me avisa.

Os zumbis destruíram tudo, eu pergunto.

Não há mais zumbis, não há mais orixás, não há mais nada, ela diz.

Eu sei, eu já desconfiava, mas não destrua minha última esperança, por favor, eu preciso muito acreditar que um dia voltarei pra lá, eu explico.

Estou procurando um bom maço de Gudang Garam, ela suspira.

A melhor tabacaria da região fica a seis quadras, eu indico com o queixo.

Você sabe que uma das duas, você ou eu, não existe realmente, não sabe, ela me avisa muito séria.

Isso não tem importância neste lugar, tem, eu pergunto.

Começa a garoar. Os ratos e os buracos na avenida estão cada vez maiores. De mãos dadas comigo mesma, eu caminho sozinha até a tabacaria.

(Vinte anos mais tarde já não sei se tudo isso não foi apenas literatura. Já não tenho certeza se aconteceu de verdade.)